

Negociações avançam e o acordo pode sair no final de semana

por Maria Clara R.M. do Prado
de Washington

O governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional (FMI) avançaram nas negociações desenvolvidas na quinta-feira, com a perspectiva de chegar a um entendimento final na manhã de sexta-feira. Durou mais de três horas o processo de conversação entre o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, e o negociador da dívida externa, embaixador Jório Dauster, com o diretor gerente do FMI, Michel Camdessus, na tarde de quinta-feira.

A reunião teve caráter técnico no repasse dos números já negociados e no acerto de detalhes que haviam ficado pendentes. Foi no entanto um encontro onde se procurou chegar a denominadores comuns em matérias mais políticas do que técnicas.

“Os dados que foram trazidos no relatório da missão técnica do FMI foram basicamente considerados satisfatórios, mas precisamos chegar a uma posição



Ibrahim Eris

com relação a alguns pontos”, disse Eris à saída do encontro com Camdessus, adiantando na ocasião que o novo encontro com o diretor gerente do FMI havia sido marcado para a manhã de sexta-feira, o que antes não constava da programação.

O presidente do Banco Central estava otimista com relação ao resultado da viagem que fez a Washington junto com o embaixador Dauster: “Espera-

mos chegar a um acordo”, disse ele, indicando que precisava consultar a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, sobre algumas alternativas colocadas na mesa de discussão com Camdessus. Ainda na noite de quinta-feira, a consulta foi feita à ministra, de modo que o Brasil já entrou com uma posição, definida na reunião de sexta-feira.

Os pontos pendentes, conforme a situação de quinta-feira à noite, ainda envolviam a questão de uma salvaguarda que o Brasil pleiteia, como parte do acordo, e que possa concordar com o não-cumprimento da meta nominal para o déficit público, caso a inflação fique acima do projetado.

O acordo prevê para 1990 um superávit fiscal operacional (descontando a correção monetária e cambial) de 0,5% do PIB, o que equivale a um déficit nominal de cerca de 30% do PIB, tendo em vista uma curva de inflação que caíria para 4,5% em dezembro. No ano passado o déficit nominal foi de 73%.

Outra questão que o FMI vinha colocando dizia respeito à nova política cambial do governo e à suspeita de que a taxa de câmbio não esteja espelhando efetivamente o valor de troca entre o cruzeiro e o dólar norte-americano. O governo brasileiro reafirma sua posição no sentido de que a taxa de câmbio é hoje formada no mercado e não pode mais ficar indexada à inflação.

A questão mais polêmica, de como tratar os atrasados na carta de intenções, não chegou a entrar em discussão na quinta-feira, segundo adiantou Eris. Mas é certamente o tema que mais tem contribuído para retardar o acordo. Além de Eris e Dauster, participaram da reunião o embaixador do Brasil nos EUA, Marcílio Marques Moreira, e o representante do Brasil no Fundo, Alexandre Kafka. Pelo FMI, além de Camdessus, participaram o diretor do departamento do hemisfério ocidental, Sterie Beza, e o chefe da divisão do Atlântico Sul, Thomas Reichmann.